

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

VANESSA FÁTIMA MORAES DE SOUZA

COINCIDÊNCIAS NARRATIVAS ENTRE *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL* E *PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS*

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2012

VANESSA FÁTIMA MORAES DE SOUZA

COINCIDÊNCIAS NARRATIVAS ENTRE *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL* E *PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras Português-Inglês.

Orientador (a): Prof^ª. Ma. Loraci Hofmann Tonus

PATO BRANCO

2012

Ministério da Educação



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

UTFPR

Campus Pato Branco

Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: Vanessa Fátima Moraes de Souza

Título: Coincidências narrativas entre *Harry Potter e A Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*.

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 17/10/2012,
com NOTA 9,8 (*noventa e oito*), pela comissão julgadora:

Orientador (a) e Presidente da Banca
(Prof.^a Ma. Loraci Hofman – UTFPR Pato Branco)

(Prof.^a Ma. (Rosângela Marquezi – UTFPR Pato Branco)

(Prof.^a Ma. (Denise Ponzoni – UTFPR Pato Branco)

(Suplente: Prof.^a Ma. Marcelle Dagios – UTFPR Pato Branco)

Prof.^a Dr.^a Márcia Andrea dos Santos
Coordenadora do Curso de Licenciatura
em Letras Português-Inglês
UTFPR – Campus Pato Branco

Coordenador(a) do Curso de Letras Português/Inglês
Prof.^a Dr.^a Márcia Andrea dos Santos

Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Coordenador de TC

A Deus, por abençoar e guiar minha vida.

À Maria de Lurdes, minha mãe, pelos exemplos de vida.

A meus amigos, familiares, professores e alunos que apoiaram minhas escolhas em relação

ao curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me dar saúde, fé e perseverança em todos os momentos da minha vida;

A meus amigos e familiares, pela força e incentivo durante cada etapa que constitui a minha história;

A todos os meus alunos, que foram peças chave para que eu concluísse meu curso;

À minha professora orientadora, Loraci Hofmann Tonus, pela orientação e acompanhamento durante o curso, bem como durante o desenvolvimento dos Estágios Obrigatórios e do Trabalho de Conclusão de Curso;

Aos demais professores do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, que muito contribuíram para minha formação;

Aos alunos do Curso Técnico em Agrimensura da UTFPR, Câmpus Pato Branco, que no ano de 2010 estavam nas turmas 221GA e 221GB, por suas contribuições.

Por fim, a todos os colegas e profissionais, que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

“Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?” (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

RESUMO

SOUZA, Vanessa F. M. **Coincidências narrativas entre *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e O Ladrão de Raios***. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Licenciatura em Letras Português- Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Câmpus Pato Branco, 2012.

Ao ler as obras *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, de J.K. Rowling, e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, de Rick Riordan, observa-se que as narrativas possuem algumas coincidências, principalmente no que diz respeito aos personagens principais. Pode-se notar que, em ambos os livros, os escritores têm como personagem principal um adolescente que possui poderes especiais e que tem uma missão para seguir. Com o desenrolar das histórias, várias outras semelhanças vão aparecendo. Dessa forma, após fazer uma discussão sobre a literatura juvenil, sobre os elementos da narrativa, sobre literatura comparada e intertextualidade, este trabalho analisa o tempo, o espaço, os personagens, o narrador e as ações de ambas as histórias, e elenca os aspectos semelhantes entre as duas narrativas citadas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura comparada. Literatura juvenil. Harry Potter. Percy Jackson.

ABSTRACT

SOUZA, Vanessa F. M. **Narratives coincidences between Harry Potter and the Philosopher's Stone and Percy Jackson and The Lightning Thief**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Licenciatura em Letras Português- Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Câmpus Pato Branco, 2012.

Reading the narratives *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, written by J.K. Rowling, and *Percy Jackson and the Lightning Thief*, written by Rick Riordan, it can be noted that the narratives have some similarities, mainly in what refers to the main character. It may be noted that in both books, the writers have a teenager as the main character. These teenagers have special powers and have a mission to follow. With the unfolding of the stories, several other similarities are appearing. So, after making a discussion about Teen Literature, Narrative Elements, Comparative Literature and Intertextuality, this work analyzes the setting, the characters, the narrator and the actions of both stories, and lists the similar aspects between the two cited narratives.

KEY WORDS: Comparative literature. Teen literature. Harry Potter. Percy Jackson.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 LITERATURA INFANTO- JUVENIL E AS ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	11
2.2 LITERATURA COMPARADA	17
2.3 INTERTEXTUALIDADE	21
2.4 ELEMENTOS DA NARRATIVA	23
3 ANÁLISE DOS DADOS	27
3.1 FOCO NARRATIVO	28
3.2 PERSONAGENS	29
3.2.1 Sujeito (ou protagonista)	29
3.2.2 Oponentes (ou antagonistas)	30
3.2.3 Ajudantes do Sujeito	32
3.2.4 Mentores	34
3.3 OBJETO	34
3.4 ESPAÇO	35
3.4.1 Espaço Tópico	35
3.4.2 Espaço Atópico	36
3.5 TEMPO	38
3.6 OUTRAS COINCIDÊNCIAS	38
3.7 AÇÕES	40
3.8 INTERTEXTUALIDADE NAS OBRAS E ENTRE AS OBRAS	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca comparar as narrativas *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, de Joanne Kethlen Rowling, e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, de Rick Riordan, elencando as coincidências narrativas presentes em ambas.

Pode-se observar que a fórmula usada pela escritora inglesa J. K. Rowling para criar a saga do herói bruxo Harry Potter transformou essa história em um estrondoso sucesso de vendas. No mundo todo, segundo a revista *Veja*, mais de 450 milhões de exemplares da série já foram vendidos, o que fez de Rowling uma das mulheres mais ricas da Inglaterra.

Esse sucesso de vendas fez com que surgissem inúmeros outros heróis juvenis que também protagonizam aventuras em estranhos universos imaginários. Um deles também se tornou um fenômeno editorial recentemente. É o caso da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan. Mas, tal como ocorre com Harry Potter, ainda na pré-adolescência Percy Jackson descobre que não é um ser humano comum, mas alguém com características especiais. E também, como acontece com Potter, Jackson é enviado para uma escola muito diferente. E as coincidências entre ambas as narrativas vão muito além disso.

Dessa forma, observa-se que a história de Percy Jackson parece familiar demais aos leitores de Harry Potter. Por essa razão, partiu-se da hipótese de que a fórmula usada por J. K. Rowling está sendo parafraseada por Rick Riordan. Para comprová-la, comparou-se neste trabalho os elementos da narrativa de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* com os de *Percy Jackson e o Ladrão De Raios*, para observar em quais aspectos o herói juvenil Harry Potter pode ser considerado um modelo paradigmático para Percy Jackson, o protagonista da série *Percy Jackson e os Olimpianos*. Além disso, este estudo também aborda os motivos pelos quais histórias como essas chamam tanto a atenção do público jovem.

Com certa frequência, no vasto universo da Literatura, observa-se que muitas obras literárias são escritas tomando como base personagens ou a temática já desenvolvida em narrativas mais antigas. Essa retomada pode constituir uma interessante relação de intertextualidade que pode ser observada sob diversas formas, dentre as quais as mais evidentes são a paródia e a paráfrase.

Assim, destaca-se que é fundamental que futuros docentes e outros leitores consigam perceber, tanto nas obras que constituem o objeto de análise quanto em outras obras da literatura, o que é criação e o que é releitura ou reprodução de um modelo. Reafirma-se também o propósito de fazer com que leitores possam se servir deste trabalho como um

exemplo prático de narrativa criada, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, e narrativa que segue um modelo paradigmático, neste caso, *Percy Jackson e os Olimpianos*.

Para se atingir esses objetivos, procurou-se pesquisar o conceito de Literatura Juvenil e os caminhos para a formação do leitor; as características da Literatura Comparada; a conceituação de intertextualidade; e retomam-se os elementos da narrativa que dão suporte ao estudo. Em seguida, fez-se a análise das aproximações entre as aventuras de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para embasar o estudo foram feitas pesquisas a respeito do conceito de Literatura Juvenil; das estratégias que podem ser empregadas para a formação do leitor; das características da Literatura Comparada; das possibilidades de ocorrência da intertextualidade; e sobre os elementos da narrativa de acordo com a visão estruturalista. Tais pesquisas são apresentadas a seguir.

2.1 LITERATURA INFANTO- JUVENIL E AS ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

O hábito da leitura está muito mais presente na sociedade atual que nas gerações que a antecederam. Se há poucas décadas a leitura era inacessível para grande parte da população, que ou não sabia ler, não podia comprar material de leitura ou era proibida de ler, hoje em dia qualquer um pode pegar um livro, um jornal ou uma revista, por exemplo, e ler sem interdições ou constrangimentos de qualquer espécie.

Para Marisa Lajolo (1999), as pessoas leem para entender o mundo, para que assim vivam melhor. E essa busca pelo entendimento do mundo, ou seja, pela leitura “pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) terminar nela” (LAJOLO,1999, p. 7). Sendo assim, o professor deve estimular os alunos a apreciar a leitura e a buscar, não só nas obras literárias, mas em qualquer outro texto, a resposta para as dúvidas que circundam o dia a dia deles.

As obras literárias costumam ter uma classificação, sendo que ao tratar da leitura para adolescentes, normalmente utiliza-se o termo literatura infanto-juvenil. A literatura infanto-juvenil é um ramo da literatura dedicado às crianças e aos adolescentes. Nesse ramo, estão incluídas histórias fictícias, biografias, romances, poemas e obras folclóricas. Porém, para Lajolo (1999), as definições e termos são instáveis pois, dependendo do contexto, as obras literárias podem ser classificadas como infantis ou juvenis, separando-se assim a literatura infanto-juvenil em literatura infantil e literatura juvenil. Isso acontece porque “o jovem, leitor virtual da literatura juvenil, bem como a criança, leitora virtual da literatura

infantil, são construções da história. Em face dessa historicidade, não tem sentido atribuir-se universalidade/objetividade, imanência a tais categorias” (LAJOLO,1999, p. 25).

Segundo Maria Antonieta Antunes Cunha (1988, p. 19), a literatura infantil começou a delinear-se no começo do século XVIII porque, segundo ela, foi o momento em que a criança passou “a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta”.

Para Salvatore D’Onofrio (2007), a literatura infanto-juvenil tem muita importância para o desenvolvimento da personalidade humana. Esse professor de Teoria da Literatura também afirma que “ainda antes de completar a alfabetização, a criança deve ser posta em contato com livros que contam historinhas ilustradas para despertar sua imaginação, visualizando seres do mundo animal e vegetal e relacionando realidade com fantasia” (D’ONOFRIO, 2007, p.95).

Com o mesmo ponto de vista, Laura Sandroni e Luiz Raul Machado (1998) afirmam que o gosto pela leitura deve iniciar em casa, quando a criança é ainda um bebê de colo. Para eles, os pais devem ser os incentivadores iniciais da leitura. Eles afirmam que, primeiramente, as crianças se interessarão pelas formas e cores, depois pelas imagens, e, quando maiores, passarão a inventar histórias a partir de tais imagens. Conforme o tempo for passando, o interesse dessas crianças irá se modificando. Ao chegarem à adolescência, caberá à escola dar continuidade ao gosto pela leitura criado em casa, ou, para aqueles que não tenham desenvolvido esse costume, fazer com que aprendam a gostar de ler. Para isso, Sandroni e Machado (1998) sugerem que em cada ano letivo sejam feitas atividades que estimulem a leitura dessas crianças, adolescentes e jovens. Entre essas atividades, eles citam o cantinho da leitura, a criação de feiras de livros, brincadeiras com o texto, entre outras atividades que chamem a atenção do leitor. Isso porque essas atividades, que envolvem o lúdico, exercem um papel muito importante no momento em que o leitor estiver iniciando o contato com a leitura, visto que a criança ou adolescente ficará mais interessado em uma história em que o professor se fantasia como um personagem da história, por exemplo, do que por uma história que é somente lida, sem nenhum entusiasmo e sem nada que prenda a atenção deles. Utilizando o lúdico, estimula-se o aluno, ou as crianças em geral, para que leiam e participem das atividades propostas.

Porém, Cunha (1988) afirma que se for perguntado para um pai, professor, ou qualquer tipo de educador, o que se pretende levando um livro a uma criança, os mesmos

responderão que querem criar o hábito da leitura nos pequenos. Assim, Cunha (1988) mostra que essa ideia de que a leitura faz bem à criança ou ao jovem, leva o adulto a obrigá-los a ler, e “assim é normal o menino sentir-se coagido, tendo de ler uma obra que não lhe diz nada, tendo de submeter-se a uma avaliação, e sendo punido se não cumprir as regras do jogo que ele não definiu, nem entendeu” (CUNHA, 1988, p. 41). A autora acentua a crítica ao falar que atividades que façam com que o livro seja uma fonte de prazer ou um desafio saudável para o leitor não são criadas, e, além disso, se o aluno não gostar do livro que está lendo, não pode nem ao menos tentar outro. Dessa forma, ela questiona até que ponto a literatura deve ser imposta e cobrada em um processo determinado pelo professor.

Sandroni e Machado (1998) acreditam que, para a criação do hábito de leitura, os livros, ou a literatura indicada seria a literatura de ficção, pois esta suscita um interesse imediato no leitor, por mexer com a imaginação, mas referindo-se normalmente à realidade. Para os autores:

No mundo maravilhoso da ficção, a criança encontra, além de diversão, alguns dos problemas psicológicos que a afligem resolvidos satisfatoriamente; percebe em cada narrativa formas de comportamento social que ela pode aprender e usar, no processo de crescimento em que se encontra, informações sobre a vida das pessoas em lugares distantes, descobrindo, dessa forma, que existem outros modos de vida diferentes do seu (SANDRONI E MACHADO, 1998, p.10).

As histórias de ficção, para Sandroni e Machado (1998), refletem os conflitos e as fantasias experimentadas pelos jovens leitores, bem como fazem com que o leitor se identifique com determinados personagens que vivem situações parecidas com alguma que o leitor tenha vivido. Para eles, a pré-adolescência é o momento em que o leitor vai buscar os heróis com quem vai se identificar, e esses personagens podem variar de forma e incluir desde seres mitológicos, personagens do dia a dia, e até anti-heróis.

Por outro lado, Sandroni e Machado (1998) afirmam que durante a adolescência, a leitura escolar e suas exigências podem assustar o leitor e até afastá-lo dos livros. Sendo assim, os escritores defendem que “se a leitura deve ser um hábito, deve ser também fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto” (SANDRONI E MACHADO, 1998, p. 11).

Outros autores também abordam as formas como a literatura infanto-juvenil é divulgada. Assim, segundo Lígia Cadermartori (2010):

No final do século XX, a literatura infantil passou pelo que se pode chamar de internacionalização do gênero, resultado da globalização dos mercados. Um livro

infantil, uma vez comprovada sua aceitação pelo público de um país influente, é logo distribuído para crianças dos demais países e rapidamente se torna sucesso global. É o que comprovam os fenômenos de recepção constituídos por obras em série de J.R.R Tolkien, *O Senhor dos anéis*; de J.K. Rowling, *Harry Potter*; e títulos de Stephenie Meyer, como *Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse* (CADERMARTORI, 2010, p. 15).

Observa-se, contudo, que tais fenômenos, que caíram no gosto popular dos adolescentes de hoje, na maioria das vezes, não são trabalhados na escola. Lígia Cadermartori (2010) constata que esse tipo de leitura ocorre fora do âmbito escolar, e que a sua divulgação e intermediação ficam por conta dos meios de massa. Dessa forma, a autora acredita que esse estímulo da mídia faz com que os leitores infantis e juvenis respondam imediatamente às obras em ascensão no momento, fazendo com que, muitas vezes, as histórias sejam transpostas para a linguagem cinematográfica.

Cadernartori (2010) também destaca que “os elementos que compõem uma obra do gênero devem estar de acordo com a competência de leitura que o leitor previsto já alcançou” (CADERMARTORI, 2010, p. 16). Sendo assim, para a autora, é necessário que os livros apresentados aos adolescentes estejam de acordo com a competência de leitura deles, isto é, que sejam livros indicados para a idade e que chamem a atenção, pois o gosto pela leitura vai ser adquirido através de livros básicos, e não de livros avançados, clássicos. No entanto, muitas escolas, por preconceito, ignoram o gosto do adolescente e não aproveitam a oportunidade de conquistá-los para partilharem o universo dos leitores.

A escritora destaca ainda que os modos de expressão e os processos narrativos definem o tipo de público que o livro atingirá. Para ela “o sonho, a fantasia, o *nonsense*, se instauram como subversão do mundo racional” (CADERMARTORI, 2010, p. 16) e é isso que atrai o público infanto-juvenil.

Para Oliveira e Silva (2008), a literatura que será trabalhada na escola deve ser uma literatura de qualidade, que foi bem selecionada pelos professores. Dessa forma, elas afirmam que “a qualidade não está relacionada ao movimento ao qual o autor pertence ou à época na qual a obra foi produzida, mas sim ao significado que aquela leitura proporciona ao leitor” (OLIVEIRA E SILVA, 2008, p. 28). Vale ressaltar que, hoje, há muitas escolas conscientizadas sobre o papel da leitura, e que, por isso, utilizam propostas metodológicas mais flexíveis, que permitem que o aluno selecione livremente os livros que deseja ler. Essa estratégia converge com o que pensam as autoras acima citadas, que também defendem que “a criança ou o jovem deve ter a liberdade de escolher entre os diversos livros e autores que lhe são oferecidos” (OLIVEIRA E SILVA, 2008, p.28). Dessa forma, como afirmado

anteriormente, é necessário que o aluno escolha os livros que deseja ler, para que a partir deles, aprenda a gostar da leitura e da literatura.

Fanny Abramovich (1997) questiona então:

Mesmo nas escolas mais democráticas, onde se dá o direito de escolher entre dois ou três títulos, quais os referenciais reais para essa prévia seleção? Por que não ampliar os horizontes, indo às livrarias ou bibliotecas e deixando cada aluno manusear, folhear, buscar, achar, separar, repensar, rever, reescolher, até se decidir por aquele volume, aquele autor, aquele gênero, que, naquele determinado dia, lhe desperta a curiosidade, a vontade, a inquietação? Claro que, para isso, a professora teria que ler muito mais livros, e a questão que fica é esta: ela está disposta a fazer isso? (ABRAMOVICH, 1997, p. 140).

Nota-se que os romances ditos juvenis são muito fáceis de serem reconhecidos pois “são estrelados por garotos e meninas da mesma faixa etária do leitor, dos 10 aos 15 anos, saindo de seu cotidiano e adentrando um universo desconhecido” (FORASTIERI, 2002). Esses personagens “enfrentam bruxas, desvendam conspirações, escondem-se em foguetes, lideram piratas. Muitas vezes, também sofrem e sangram. Alguns apresentam universos paralelos para onde o leitor adoraria se mudar, ou de onde ele fugiria voando” (FORASTIERI, 2002).¹

Em reportagem para a revista *Veja*, Bruno Meier (2011) afirma que “ler obras juvenis ou best-sellers é apenas o começo de uma longa e produtiva convivência com os livros” (MEIER, 2011, p. 99). Isso porque, segundo o escritor, a leitura de livros juvenis anima os adolescentes e jovens a lerem também a literatura atual e os clássicos. Meier cita ainda o nome de vários leitores que se apaixonaram pela leitura através da Literatura Juvenil. Um exemplo citado por ele é o da catarinense Taize Odelli, que conta que seu hábito de leitura virou um vício quando pegou emprestado um dos livros de Harry Potter, e, segundo ela, a partir dali, não ficou nem uma semana mais sem ler. Com o tempo, os livros lidos por Taize foram mudando, e hoje suas leituras envolvem também escritores como Fiodor Dostoievski e Salman Rushdie. Dessa forma, Meier acredita que um livro puxa o outro e ainda prepara o leitor para o seguinte.

Bruno Meier (2011) expõe também que através dessas novas séries, uma nova geração de leitores vem surgindo, movidos pelos sucessos de *Harry Potter*, *Crepúsculo* e *Percy Jackson*. Meier ainda utiliza os dados da livraria Saraiva para mostrar que, de 2005 a 2010, as vendas de exemplares escritos para o público infanto-juvenil aumentaram 514%. Além do aumento de vendas, ele comenta que esse fenômeno ganhou novos contornos: através das redes sociais, os adolescentes passam horas discutindo o destino dos personagens

¹ Talvez até em uma vassoura, como faria Harry Potter, ou usando os sapatos alados de Percy Jackson.

dos livros. Dessa forma, ele afirma que “não é mais possível lançar um livro para esse público sem pensar numa estratégia de atenção por meio das redes sociais” (MEIER, 2011, p.103).

Já para Fanny Abramovich (1997), ler “sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível.” (ABRAMOVICH, 1997, p.14). E as estatísticas têm revelado que um universo cada vez maior de leitores têm partilhado desse prazer.

Na década de 1980, Maria Antonieta Antunes Cunha (1988), ao fazer uma pesquisa com mais de 300 alunos, concluiu que a leitura ainda ocupava um dos últimos lugares na preferência dos alunos, ao ser comparada com televisão, cinema, música, teatro e esporte. Além disso, ela percebeu que quando se tratava de leitura, esses alunos preferiam a leitura de revistas ao invés de livros, pois defendiam que elas eram mais divertidas e mais rápidas de ler. A autora observou ainda que as obras que eram lidas por esse alunos eram determinadas pelo professor, e que, além de escolher a obra, o professor, para avaliar se o aluno havia lido ou não, ainda utilizava o método das provas e fichas.

Sendo assim, Cunha (1988) defende que o desinteresse dos alunos pode estar ligado a essa metodologia, bem como ao condicionamento e ao comodismo dos professores, à tranquilidade com que vão, ano após ano, levando os mesmos livros, com as mesmas histórias, e fazendo atividades iguais para alunos que eles supõem que são iguais, mas que na realidade não são.

É por esse mesmo motivo que Abramovich (1997) questiona o uso de fichas de leituras, pois elas pouquíssimo acrescentam à criança. Para a autora, a literatura deve ser utilizada para desenvolver o espírito crítico do leitor, bem como para fazê-lo pensar sobre o que leu, possibilitando-lhe a oportunidade de se espantar com o maravilhoso ou de criticar o que achar bobice.

Para Abramovich (1997), quando a criança lê, ela desenvolve um potencial crítico, através da dúvida, das perguntas e dos questionamentos, querendo saber sempre mais e percebendo que pode ter uma opinião sobre o assunto lido. A autora acredita que é através do espírito crítico que o leitor começará a amar um autor, um gênero, uma ideia, um assunto e assim, buscará novos volumes para ler.

Pode-se, então, concluir que se os adolescentes e jovens ainda leem pouco, é porque o pouco que leem é leitura obrigatória, que não gera interesse e que não chama a atenção deles. Além disso, eles são submetidos a avaliações que não acrescentam nada ao seu

aprendizado, a atividades que não desenvolvem a capacidade de criticar um livro, bem como a de dar sua opinião sobre ele. Sendo assim, essas atividades obrigatórias, com livros impróprios para a idade deles (porque eles os consideram sérios demais, chatos demais, insossos demais), fazem com que os alunos percam o interesse pela leitura, bem como pela literatura.

Portanto, faz-se necessário que educadores e pais busquem trazer as crianças e jovens para o mundo da leitura, utilizando livros que condizem com os interesses do leitor infanto-juvenil. Para isso, pode-se levar o aluno a bibliotecas e deixar que manuseiem e escolham o livro que gostariam de ler, seja esse livro romance, ficção, suspense ou de qualquer outro assunto pelo qual o aluno se sinta atraído. Depois que esse leitor tiver criado o gosto pela leitura, o professor, ou os pais, poderão apresentar novos livros, que sigam o estilo do escolhido por ele anteriormente e que sejam mais complexos. Isso porque não há como uma pessoa aprender a gostar de literatura com livros complexos, livros que ela não compreende e livros que, de uma forma ou outra, serão cobrados através de fichas avaliativas ou outras atividades que nada acrescentem ao adolescente. Por isso, seria mais condizente se os novos leitores iniciassem sua trajetória de leitores com livros que possuíssem uma linguagem mais acessível para a idade deles, para que aprendessem primeiramente a gostar de ler e para que então seguissem na busca por livros cada vez mais complexos, até chegarem aos clássicos que a escola adoraria que eles lessem.

2.2 LITERATURA COMPARADA

Paula Alvim Gattás Bara (2011) assevera que a Literatura Comparada surgiu junto com a própria literatura, e por muito tempo teve como principal objetivo confrontar duas ou mais literaturas. Assim, de acordo com ela, bastou que surgissem obras literárias para que o comparativismo se manifestasse.

Rogel Samuel (1985) historiciza a trajetória da literatura comparada e comenta o livro *La littérature comparée*, escrito por Van Tieghem e publicado em 1931. Nessa época, a literatura comparada analisava somente as influências perceptíveis entre duas obras literárias. Tais influências eram elencadas em influência de gêneros e estilos (genelogia), de temas, de

tipos, tais como lendas ou mitos (tematologia), de ideias e sentimentos (mentalidade), de sucessos (doxologia), de fontes (cronologia) e de fatos intermediários (mesologia).

Ou seja, Literatura Comparada “não estudaria o valor estético, mas sua historicidade palpável, influências e empréstimos” (SAMUEL, 1985, p.165). Além disso, o objeto de estudo seriam as relações binárias entre dois elementos, os quais poderiam ser obras ou grupo de obras, escritores ou literaturas inteiras. Sobre essas relações, Samuel (1985) destaca que elas se referem à forma ou substância da obra de arte, e que esses estudos nasceram “da necessidade de compreender a influência ou a transmissão (de gêneros, de ‘estilos’, de ideias e de sentimentos)” (SAMUEL, 1985, p.166).

Em seguida, Samuel (1985) apresenta outro nome de referência na área, Renè Wellek, o qual considera para a comparação somente “a literatura como texto, sem levar em consideração outras áreas do saber humano” (WELLEK *apud* SAMUEL, 1985, p.167). Para o autor é possível fazer comparação até mesmo dentro de uma literatura nacional e sua preocupação é com a estética literária.

Porém, com o passar dos anos, as definições foram se modificando. Nos dias atuais, a literatura comparada não foca apenas na comparação de duas obras de autores de nacionalidades diferentes. Agora, conforme Bara (2011), a literatura comparada tem como objeto de estudo duas obras literárias, ou uma obra de arte e uma literária, etc. No caso de se constatar semelhanças entre duas obras, Bara (2011) cita a definição do francês Paul Valéry: “Para ele, a dependência entre autores se dá como fonte de originalidade e não como imitação, sendo uma ‘intrusão do novo’ na criação” (BARA, 2011).

Ana Lúcia Santana (2008) também afirma que a tarefa da Literatura Comparada, no início, consistia em analisar comparativamente duas ou mais literaturas. Ela diz ainda que, apesar disso:

Este procedimento nunca foi uniforme, pois sempre se recorreu a métodos diferenciados, uma vez que os estudiosos deste campo abordavam objetos variados, trabalhando assim com um amplo espectro de ação, o que destaca o caráter de complexidade que a Literatura Comparada detém (SANTANA, 2012).

Em relação às publicações sobre o tema, Santana (2008) critica que há carência de consenso entre elas, principalmente em relação às metodologias que o comparativista deve adotar. Assim, segundo ela, muitas vezes se tem que recorrer a uma metodologia mista, dependendo do que a pessoa vai analisar. A autora diz ainda que:

O importante é perceber, cada vez com maior clareza, que esta disciplina não deve ser entendida tão somente como um ato de comparação. Mesmo porque comparar

algo é uma iniciativa de variadas áreas do conhecimento, um costume próprio do ser humano. A diferença na Literatura Comparada é que ela se torna o método por excelência, transformando-se no dado analítico principal. Este instrumento ajuda o pesquisador a investigar com mais propriedade a esfera com a qual ele se preocupa (SANTANA, 2012).

Tânia Franco Carvalhal (1986) reitera essa tese ao dizer que “comparar é um procedimento que faz parte da estrutura do pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano [...]” (CARVALHAL, 1986, p. 6). Assim, a própria crítica literária, ao analisar uma obra, muitas vezes estabelece confrontos com outras obras, para explicar e fundamentar juízos de valor, e principalmente com o objetivo de saber se são iguais ou diferentes:

Quando a comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares de método – e começamos a pensar que tal investigação é um “estudo comparado”. Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim. Mas, embora ela não seja exclusiva da literatura comparada, não podendo, então, por si só defini-la, será seu emprego sistemático que irá caracterizar sua atuação (CARVALHAL, 1986, p. 7).

Para José Nicolau Gregorin Filho (2008), a perspectiva comparativista “vem se tornando cada vez mais apropriada para levar o indivíduo a relacionar uma determinada obra literária com o seu contexto de produção e com outros textos, num diálogo mais abrangente em busca das relações de alteridade no âmbito das trocas culturais” (GREGORIN FILHO, 2008, p.10).

Segundo esse autor, qualquer texto pode ter relação com outro, por exemplo, uma novela de televisão ou um texto de jornal podem ter relações com obras literárias. Para ele, nenhum texto nasce de modo isolado na sociedade. Assim, toda obra deve ser relacionada com o seu contexto de produção e com a sociedade que a produziu.

O escritor ainda defende que, para que um leitor seja formado, ele deve conseguir estabelecer relações “por meio do diálogo de uma obra com outras, do mesmo tempo ou de tempos diferentes; da obra literária com outros gêneros discursivos; da época de enunciação da obra em questão com outros tempos, com outros homens, com outras sociedades” (GREGORIN FILHO, 2008, p. 10).

Para Tasso da Silveira (*apud* CARVALHAL, 1986) a literatura comparada tem o papel de observar a filiação, de alguma obra ou autor, a outra obra ou autor estrangeiro, bem como de um momento literário a outros momentos literários, ou de uma literatura nacional a

uma literatura de outro país. Dessa forma, ele insiste na busca de fontes ou de influências, e ocupa-se de casos de imitações e empréstimos.

Carvalho (1986) acrescenta outro importante papel para o trabalho desenvolvido pela literatura comparada pois, “ao lidar amplamente com dados literários e extra literários [ela] fornece à crítica literária, à historiografia literária e à teoria literária uma base fundamental” (CARVALHAL, 1986, p. 39). Para ela, “a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística” (CARVALHAL, 1986, p. 74). Dessa forma, a literatura comparada analisa dois objetos, observando suas relações de proximidade e estabelecendo nexos entre ambos.

Ainda segundo Carvalho:

[...] a investigação das hipóteses intertextuais, o exame dos modos de absorção ou transformação (como um texto ou um sistema incorpora elementos alheios ou os rejeita), permite que se observem os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção literária. Entendido assim, o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por "um ar de parecença" entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas (CARVALHAL, 1986, p. 86).

Conclui-se então que o ato de comparar, próprio do ser humano, fez com que surgisse, juntamente com a literatura, uma área, e mais adiante, uma disciplina, chamada Literatura Comparada. Pode-se observar que o termo Literatura Comparada gera várias divergências entre os autores e que não há um método pré-formado para utilização dos interessados. O método será construído no momento da leitura das obras, e quem estiver fazendo a análise deverá encontrar o melhor método para trabalhar com a comparação em determinado estudo.

Além disso, ao fazer a análise de duas obras e encontrar algumas semelhanças entre elas, deve-se observar se o que está ocorrendo é uma imitação, ou se pode ser um caso de intertextualidade, a qual será definida e caracterizada a seguir.

2.3 INTERTEXTUALIDADE

Para que se possa entender global e minuciosamente um texto é preciso entender como ocorre nele, ou se ocorre, alusão ou referência a outros textos. A essas alusões e referências dá-se o nome de Intertextualidade. Dessa forma, de acordo com Fiorin e Saviolli (2007), pode-se dizer que a intertextualidade é toda ligação ou relação que um texto tem com outro. Sendo assim, é necessário que o leitor saiba que nem tudo que se produz no campo da escrita é criação, que muitas vezes um texto dito novo é na verdade uma recriação, uma reescrita de outro texto já existente.²

A percepção das relações intertextuais, das referências de um texto a outro, depende do repertório do leitor, do seu acervo de conhecimentos literários e de outras manifestações culturais. Daí a importância da leitura, principalmente daquelas obras que constituem as grandes fontes da literatura universal. Quanto mais se lê, mais se amplia a competência para apreender o diálogo que os textos travam entre si por meio de referências, citações e alusões (PLATÃO E FIORIN, 2007, p. 20).

O termo intertextualidade surgiu primeiramente com Julia Kristeva, em um trabalho de teoria literária. Para Kristeva “todo texto é absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA *apud* CARVALHAL, 1986, p.50). Ou seja, toda escrita é resultante do processo de leitura. Então, o escritor, ao escrever, utiliza todo um corpus literário para auxiliá-lo na produção de sua obra. Sendo assim, Carvalhal (1986) afirma que

O texto, portanto, é absorção e réplica a outro texto (ou vários outros). A análise dessa produtividade leva ao exame das relações que os textos tramam entre eles para verificar, como quer Gérard Genette, a presença efetiva de um texto em outro, através dos procedimentos de imitação, cópia literal, apropriação parafrástica, paródia, etc. (CARVALHAL, 1986, p. 50).

Ainda nesse sentido, Charles Bazerman (2007) diz que quem escreve o faz em resposta aos textos antecedentes e, dessa forma, utiliza, em novos textos, os recursos produzidos pelos escritores precedentes. Assim,

Quando lemos, utilizamos o conhecimento e a experiência de textos que havíamos lido antes para construirmos os sentidos do novo texto e, enquanto leitores, observamos os textos que o escritor invoca direta e indiretamente. Nossa leitura e nossa escrita dialogam entre si à medida que escrevemos, em resposta direta e

² Ou seja, retomando-se novamente o que disse o escritor francês Paul Valéry: “a dependência entre autores se dá como fonte de originalidade e não como imitação, sendo uma ‘intrusão do novo’ na criação” (BARA, 2011).

indireta ao que havíamos lido anteriormente; e lemos relacionando as ideias que havíamos articulado em nossa própria escrita (BAZERMAN, 2007, p. 92).

Bazerman (2007) também cita Kristeva, dizendo que ela sugere que qualquer texto é um mosaico de citações, e que ela se posiciona contra a possibilidade de ocorrência da originalidade radical de qualquer texto. Bazerman (2007) destaca ainda que, para Kristeva, “a intertextualidade é um mecanismo através do qual escrevemos a nós próprios no texto social e, desse modo, o texto social nos escreve”.

Maingueneau (*apud* MARCUSCHI, 2008) apresenta outra definição, a de intertexto, diferenciando que intertexto são os fragmentos discursivos que aparecem, e a intertextualidade é o princípio que rege as formas em que o intertexto pode ocorrer.

No mesmo caminho, Ingedore Koch (1991, *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 131) afirma que “a intertextualidade é uma condição de existência do próprio discurso”. Pode-se dizer então que tudo que se fala ou se escreve, já foi dito antes e, pelo conhecimento que se tem de vários discursos, sejam eles falados ou escritos, montamos o nosso próprio discurso, nossa própria fala e, assim, nosso próprio texto.

Platão e Fiorin (2007) mostram que a intertextualidade pode estar explícita ou implícita, ou seja, está explícita quando vem entre aspas, como se fosse uma citação, trazendo autor e ano, e implícita quando não traz essas informações, pois se pressupõe que o leitor reconheça o texto mencionado e o que isso significa no discurso em questão.

Além de intertextualidade explícita e implícita, Koch (2010) apresenta outros tipos. O primeiro que ela apresenta é o de conteúdo, que ocorre quando os autores utilizam expressões e conceitos comuns da área em que estão trabalhando; o segundo é o de forma/conteúdo, que acontece quando o escritor imita ou parodia outro texto, levando em conta certos efeitos, estilos ou até mesmo as variedades linguísticas utilizadas em outra obra. Koch (2010) também apresenta a intertextualidade das semelhanças, em que se utiliza um intertexto para apoiar-se em uma argumentação, e a intertextualidade das diferenças, em que se incorpora um intertexto para ridicularizá-lo, ou colocá-lo em questão.

Já para Sant’Anna (2002), a intertextualidade pode ser classificada em quatro tipos: paráfrase, paródia, estilização e apropriação. Márcia Antônia Guedes Molina esmiúça tal classificação e explica o que é paródia: uma relação entre dois textos, na qual o autor da paródia “subverte o sentido do primeiro, retoma-o para o negar, para o ironizar, caminhando ao seu lado como se fosse sua imagem invertida (MOLINA, 2012, p. 30).

Molina (2012) apresenta também a definição de paráfrase, que seria uma releitura da obra original, ou seja, o escritor falará de uma obra utilizando o mesmo sentido que ela

apresentava, porém com palavras diferentes. Por exemplo, se um professor contar a seus alunos uma história e depois solicitar a eles que a reproduzam, os textos desses alunos serão paráfrases do texto narrado pelo professor.

Quanto à estilização, Molina (2012) mostra que ela ocorre quando um autor imita o estilo de outro autor. Já a apropriação é quase igual à colagem, ou seja, o autor reúne vários fragmentos para compor a sua obra, ou pode adotar o texto de um autor e utilizá-lo em outro código (de poesia para charge, por exemplo).

Dessa forma, percebe-se que a intertextualidade está presente tanto na fala quanto na escrita. Pode-se dizer que tudo que é falado ou escrito já foi dito antes, então tudo não passa de uma reescrita de ideias, em que o autor, utilizando o conhecimento que possui de outras obras, escreverá a sua própria obra, citando explícita ou implicitamente outros autores e obras.

Sendo assim, toda vez que alguém escreve um texto, faz uso de um conhecimento que obteve a partir de outras leituras que fez e, mesmo sem notar, está estabelecendo relações de intertextualidade em sua obra.

2.4 ELEMENTOS DA NARRATIVA

Como neste trabalho se analisam duas narrativas, é necessário rever a definição de narrativa e observar quais são seus elementos constituintes.

Para Salvatore D'Onofrio, narrativa é “todo discurso que apresenta uma história imaginária como se fosse real” (D'ONOFRIO, 2007). Para ele, uma narrativa deve apresentar vários personagens entrelaçando suas histórias em um tempo e um espaço.

Além disso, a obra deve apresentar um narrador, ou um foco narrativo. D'Onofrio (2007) resume a teoria do estruturalista francês Gérard Genette que, no estudo *Discurso da narrativa*, organiza a tipologia dos narradores em Narrador Pressuposto e Narrador Personagem. Em relação ao Narrador Pressuposto, Genette (*apud* D'ONOFRIO, 2007) o divide ainda em narrador onisciente neutro, aquele que sabe de tudo que acontece na vida de todos, bem como na mente de cada personagem; narrador onisciente intruso, que emite julgamentos e tece considerações sobre os personagens, no decorrer da narração; narrador onisciente seletivo, que apresenta o ponto de vista de um ou mais personagens, pela mente deles; e narrador-câmera, que possui uma visão de fora, é um observador imparcial. Já em

relação ao Narrador Personagem, Genette (apud D'ONOFRIO, 2007) destaca que ele é dividido em: narrador-protagonista, que é quem vive os fatos, é o personagem principal; narrador-personagem secundário que, embora seja um personagem, não é o principal; e narrador testemunha, que é um personagem que está ali só para contar sobre o que viu ou ouviu. O autor apresenta ainda a narração dramática, que se refere às obras em que todos os personagens funcionam como narradores, através do diálogo, como ocorre, por exemplo, em peças teatrais.

D'Onofrio (2007) fala também dos níveis de análise do texto, que são: o fabular, o atorial e o descritivo, sendo que o primeiro é o estudo das ações da história ficcional, o segundo aborda a natureza dos personagens e o terceiro se debruça sobre as dimensões do tempo e do espaço.

Ao falar dos personagens, D'Onofrio (2007) aborda os estudos de Vladimir Propp, expostos em *Morfologia do conto*, e no qual o estruturalista russo afirma que eles podem ser elementos variáveis, ou seja, variam quanto ao nome, ao sexo, à idade, aos atributos, ou seja, quanto às características físicas e psicológicas, mas também podem ser elementos invariáveis de acordo com as funções que exercem na estrutura da narrativa.

O semanticista francês Greimas (apud D'ONOFRIO, 2007) parte dos estudos de Propp e desenvolve a Teoria Actancial da Personagem:

A estrutura actancial repousa sobre a principal relação sintática do discurso, que opõe sujeito → objeto. Do ponto de vista semântico, esse eixo sintático indica o “querer”, o desejo que leva à procura: sujeito de uma ação é quem sente falta de algo e inicia um processo de transformação para possuir o objeto desejado [...] (GREIMAS apud D'ONOFRIO, 1933, p. 76).

Greimas (apud D'ONOFRIO, 2007) expõe que na narrativa geralmente há um actante que exerce a função de protagonista, e é chamado de sujeito, e há dois actantes secundários, um que irá ajudar o protagonista, denominado ajudante, e um que agirá como antagonista, que atuará como oponente e trará obstáculos para o caminho do personagem sujeito pois, de certa forma, também deseja o objeto; esse actante oponente, por sua vez, também contará com o auxílio de actantes ajudantes.

Sendo assim, Greimas (apud D'ONOFRIO, 2007) destaca que o protagonista, ou herói, durante sua busca pelo objeto desejado irá precisar da ajuda de outros actantes, pois o herói possui, normalmente, somente o querer, ou seja, não possui o saber e o poder, os quais serão fornecidos pelos actantes que exercem a função de ajudantes.

Além disso, Greimas (*apud* D'ONOFRIO, 2007) ressalta que o objeto desejado pode não ser de interesse do actante sujeito, mas de um actante destinatário, a quem o actante sujeito (destinador) deve levar o objeto desejado.

Em resumo, a Teoria Actancial da Personagem pode ser observada no seguinte esquema:

Sujeito → Objeto ← Oponente
 Ajudante Ajudante
 Destinador → Destinatário

Em relação ao espaço, D'Onofrio (2007) mostra que Bachelard divide-o em espacialidade dimensional e não dimensional, sendo que a primeira é dividida em horizontal, própria do espaço humano e natural, e vertical, que diz respeito ao espaço divino ou sobrenatural. Dessa forma, Bachelard (*apud* D'ONOFRIO, 2007) diferencia, dentro da espacialidade horizontal, os espaços tópico, atópico e utópico, sendo que o primeiro é o espaço que conhecemos, onde se pode viver em segurança; já o segundo é o espaço estranho, próprio ao universo da aventura; e o terceiro o espaço idealizado, que não existe na realidade. Assim é normalmente no espaço atópico que o sujeito se aventura. É nesse espaço que ocorrem as ações.

Quanto ao tempo, Salvatore D'Onofrio (2007) retoma Gerard Genette, que distingue o tempo do discurso do tempo da história, sendo que aquele implica a existência de dois momentos: o tempo do eu que fala e do tu que ouve. Já o tempo da história implica o tempo dos acontecimentos, e pode ser cronológico, medido pela natureza, ou psicológico, que é o tempo interior da personagem.

Platão e Fiorin (2007) explicam que, para narratologistas como Genette, novamente ancorados nos estudos de Vladimir Propp, a narrativa pode ser dividida em quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção, sendo que a manipulação se dá quando um personagem tenta induzir ou induz outro a praticar alguma ação, seja através de um pedido, de uma ordem ou de uma provocação. Em seguida, o sujeito que vai praticar essa ação deve adquirir competências que ele ainda não possuía, e que serão dadas a ele através de outra pessoa, seja uma fada, um tutor ou até mesmo um mestre. A performance é o momento em que o sujeito executa a ação indicada a ele no início da história, e para finalizar receberá a sanção, ou seja, a recompensa ou o castigo que merecer. Além disso, os autores ressaltam que

algumas narrativas focam mais em uma fase que em outra, ou pode aparecer mais que uma manipulação, ou uma sanção boa e uma ruim, etc.

D'Onofrio (2007) mostra outra sequência da narrativa desenvolvida por Propp: situação inicial, que é determinada pelas relações dos personagens antes de qualquer ação; primeira transformação: da transgressão ao dano, em que algo ocorre para mudar o rumo da história; segunda transformação: do dano à reparação do dano, ou seja, o momento em que o dano, ou o problema é resolvido; e situação final, que é o desfecho da história, em que não há mais conflitos.

Dessa forma, percebe-se que para que uma história, ou narrativa, se desenvolva, é necessário que haja personagens realizando ações em um tempo e espaço definidos. Também é necessário que haja um narrador e que a história siga certa lógica para que chame a atenção do leitor e faça com que ele fique atento ao desenrolar da história.

Sendo assim, partindo das definições de Literatura Juvenil, Literatura Comparada, Intertextualidade e Elementos da Narrativa, no próximo capítulo se apresenta a análise comparativa das obras *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, de J.K. Rowling e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, escrito por Rick Riordan e se apresentam os elementos da narrativa que são similares em ambos os livros citados.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Levando em conta o que foi visto até o momento, serão a seguir comparados e analisados os elementos constituintes da narrativa de cada uma das obras, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*. Assim sendo, analisar-se-á as ações empreendidas pelos personagens; o nível descritivo, isto é, o tempo, o espaço; o foco narrativo; e a caracterização dos actantes.

Primeiramente, é fácil identificar que ambas as narrativas são classificadas como Literatura Infanto-Juvenil, pois trazem um personagem que está no período da pré adolescência, em uma trama cheia de suspense. Essas são obras que chamam muito a atenção de crianças e jovens, e com as quais muitos aprenderam a gostar de ler.

Apesar disso, conforme já exposto, os adolescentes dificilmente têm contato com essas obras em sala de aula. O acesso e a divulgação dessas narrativas normalmente se dão por meio de redes sociais e por influências de amigos. Mesmo assim, tanto uma narrativa quanto outra constituíram enorme sucesso de vendas e se tornaram motivo de paixão e debate entre adolescentes do mundo todo.

Harry Potter e a Pedra Filosofal é o primeiro dos sete livros que formam a série escrita por J. K. Rowling. Os livros contam a saga de um menino pobre que perdeu os pais quando ainda era bebê e por isso vive com os tios e com o primo Duda. No primeiro livro, Harry tem 11 anos e descobre que, assim como os pais, é um bruxo. Por isso, é enviado para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Nessa escola, Harry faz vários amigos, entre eles, Rony Wesley e Hermione Granger, que irão participar de várias aventuras e desafios junto com Harry. Entre essas aventuras, os três amigos se juntam para resgatar a pedra filosofal, que tem o poder de tornar uma pessoa imortal. Essa pedra está escondida no porão da escola e é desejada por Voldemort, o terrível bruxo que matou os pais de Harry quando ele ainda era um bebê e que foi derrotado, nessa mesma ocasião, ao tentar matá-lo. Em virtude desse primeiro encontro, Harry guarda uma cicatriz em forma de raio na testa e é famoso no mundo dos bruxos por ter sido capaz de destruir Voldemort. Na missão de que se incumbe em Hogwarts, após a ajuda dos dois amigos, Harry tem que enfrentar Voldemort sozinho, impedindo que ele tome posse da pedra filosofal e, conseqüentemente, que tenha a vida eterna e reconstitua o poder maligno que já exerceu no mundo dos bruxos.

Já *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* é o primeiro dos cinco livros da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, escrita por Rick Riordan, e que conta a história de Percy, um

semideus, filho do deus do mar, Posêidon. Assim como Harry, no primeiro livro Percy só descobre que é um semideus em sua pré-adolescência, aos 12 anos. Percy é levado para o acampamento Meio-Sangue, uma espécie de escola-refúgio para as crianças fruto de relações entre deuses e mortais, pois são poucas as que conseguem ultrapassar os onze anos de idade. Lá, o menino faz amizade com a semideusa Annabeth e com o sátiro Grover. No acampamento, Percy Jackson recebe a missão de encontrar o raio mestre roubado do deus Zeus. Percy tem até o solstício de verão para recuperar a ferramenta do deus, caso contrário os poderosos olímpianos, que, sem que a humanidade perceba, vivem entre os humanos sem serem notados, entrariam em guerra, e o mundo acabaria. Percy enfrenta vários desafios, e com a ajuda de seus melhores amigos, consegue recuperar o raio e devolvê-lo a Zeus. Como prêmio por essa proeza, fica frente a frente com seu pai, Posêidon.

Tendo em vista esse resumo, em seguida será feita a análise do foco narrativo dos dois livros.

3.1 FOCO NARRATIVO

Após a leitura de ambas as narrativas, notou-se que o foco narrativo delas não é o mesmo. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* o foco narrativo encontra-se na terceira pessoa, e o narrador é do tipo narrador onisciente seletivo, pois não consegue saber o que se passa na mente de todos os personagens. Em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, o foco narrativo está em 1ª pessoa, e o narrador é do tipo narrador-protagonista, ou seja, quem conta a história é o próprio personagem, Percy Jackson. Para comprovar, pode-se observar os seguintes exemplos:

Harry apanhou o pacote de cima. Estava embrulhado em papel pardo grosso e trazia escrito em garranchos: *Para Harry, de Hagrid* (ROWLING, 2000, p.146).

Meu nome é Percy Jackson. Tenho doze anos de idade (RIORDAN, 2009, p.9).

Observando os exemplos, pode-se notar que os verbos, em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, aparecem na terceira pessoa do singular ou do plural, o que caracteriza o foco narrativo em terceira pessoa. Já os verbos em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* aparecem na 1ª pessoa, e podemos observar que quem está falando é o próprio Percy Jackson,

caracterizando assim o foco narrativo em 1ª pessoa, em que o narrador é classificado como narrador-protagonista.

3.2 PERSONAGENS

Para a análise dos personagens, eles serão subdivididos em sujeito (ou protagonista), oponente (ou antagonista), ajudantes do sujeito e mentores. Os ajudantes do oponente, actante destinatário e demais personagens secundários também aparecerão entre esses tópicos. Começar-se-á então por analisar os sujeitos de ambas as narrativas.

3.2.1 Sujeito (ou protagonista)

Em relação aos personagens, toma-se como ponto base os sujeitos das narrativas. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o personagem Harry Potter e em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, o personagem Percy Jackson.

Nota-se primeiramente que ambos os personagens principais descobrem que são seres diferentes ainda na pré-adolescência:

Mais um minuto e ele completaria onze anos (ROWLING, 2000, p. 38).

- Eu sou o *quê?* – ofegou Harry.

Um bruxo, é claro – repetiu Hagrid, recostando-se no sofá, que gemeu e afundou ainda mais -, e um bruxo de primeira, eu diria, [...] (ROWLING, 2000, p. 42).

Olhe, eu não queria ser um meio sangue [...] Meu nome é Percy Jackson. Tenho doze anos de idade (RIORDAN, 2009, p. 9).

Tanto um quanto outro sofre com a dificuldade na leitura: Harry tem miopia, e por isso usa óculos; Percy, por sua vez, tem dislexia e déficit de atenção. Ambos são pequenos, têm aparência frágil, porém são muito responsáveis:

Harry tinha um rosto magro, joelhos ossudos, cabelos negros e olhos muito verdes. Usava óculos redondos, remendados com fita adesiva, por causa das muitas vezes que Duda o socara no nariz (ROWLING, 2000, p. 20).

[...] a despeito do fato que tenho dislexia e transtorno do déficit de atenção, e de que nunca na vida tirei nota acima de c- [...] (RIORDAN, 2009, p. 15).

Percy vivia em uma família pobre, Harry, achava que era pobre:

- Não tenho dinheiro nenhum, e você ouviu tio Válter noite passada, ele não vai pagar para eu aprender magia.
- Não se preocupe com isso – disse Hagrid, coçando a cabeça enquanto se levantava.
- Você acha que seus pais não lhe deixaram nada? (ROWLING, 2000, p. 50).

Eu era um João-ninguém, de uma família de Joões-ninguém [...] O que não lhes contei foi que ia arranjar um trabalho de verão passeando com cachorros ou vendendo assinaturas de revistas [...] (RIORDAN, 2009, p. 30).

Antes de descobrir seus poderes, Harry vivia sem os pais, ou seja, com os tios e o primo, que não gostavam dele. Percy vivia sem o pai. Morava com a mãe e o padrasto, Gabe, o qual também não gostava dele.

Ora, sua mãe e seu pai eram os melhores bruxos que eu já conheci. [...] [...] *Você sabe quem* matou os dois (ROWLING, 2000, p. 45).

Com frequência, os Dursley falavam de Harry assim, como se ele não estivesse presente – ou melhor, como se ele fosse uma coisa muito desprezível que não conseguisse entendê-los, como uma lesma (ROWLING, 2000, p. 22).

“Queria ficar com minha mãe no nosso pequeno apartamento no Upper East Side, mesmo que tivesse de frequentar uma escola pública e aturar meu padrasto detestável e seus jogos de pôquer estúpidos” (RIORDAN, 2009, p. 25).

Como se eu fosse dirigir aos 12 anos. Mas isso não importava para Gabe. Se alguma gaiivota fizesse cocô na pintura, ele arranjaría um jeito de me culpar (RIORDAN, 2009, p. 45).

3.2.2 Oponentes (ou antagonistas)

Ambas as histórias possuem antagonistas, ou seja, os protagonistas têm inimigos principais: um inimigo menor e um extremamente poderoso. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* o inimigo poderoso é o bruxo Voldemort, chamado de “Você Sabe quem”. Em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, o grande inimigo é o titã Cronos, Senhor do Tempo, aquele que não deve ser nomeado.

O inimigo extremamente poderoso dos personagens principais causa medo e pânico nos demais personagens e, por isso, ninguém ousa citar seus nomes, pois se pensa que mencionar o nome pode atraí-los e fortalecê-los. Bem como o dos inimigos, outros nomes não podem ser citados:

– Não, não sei soletrar o nome dele. Está bem, *Voldemort*. – Hagrid estremeceu. - Não me faça repetir [...] (ROWLING, 2000, p. 45).

- Cronos – disse eu. – O rei dos Titãs.

Mesmo na sala do trono do Olimpo, longe do Tártaro, o nome *Cronos* estremeceu o ambiente e fez o fogo no braseiro não parecer mais tão quente nas minhas costas (RIORDAN, 2009, p. 354).

- O filho de Pasífae - disse minha mãe. - Gostaria de ter sabido antes o quanto desejam matar você.

- Mas ele é o Min...

- Não pronuncie o nome – advertiu ela. – Os nomes têm poder (RIORDAN, 2009, p. 59).

O inimigo menor de Harry Potter é o colega bruxo Draco Malfoy, enquanto Percy Jackson é traído por Luke, outro semideus, filho de Hermes, que finge ser amigo de Percy.

Harry jamais acreditara que fosse encontrar um garoto que ele detestasse mais do que Duda, mas isto foi antes de conhecer Draco (ROWLING, 2000, p. 107).

- Eu não faria isso – advertiu Luke. Escorpiões das profundezas podem pular até cinco metros. Seu ferrão pode perfurar as suas roupas. Você estaria morto em sessenta segundos.

- Luke, o que...

Você será traído por aquele que o chama de amigo.

- Você – disse eu (RIORDAN, 2009, p. 376).

Tanto Voldemort quanto Cronos são incorpóreos, ou seja, não possuem corpo físico, sendo que necessitam de outro corpo para poderem aparecer. Voldemort usa o corpo e a mente do professor Quirrel, enquanto Cronos usa a mente de Luke.

Onde deveria estar a parte de trás da cabeça de Quirrel, havia um rosto, o rosto mais horrível que Harry já tinha visto. [...]

- Está vendo no que me transformei?- disse o rosto. – Apenas uma sombra vaporosa... Só tenho forma quando posso compartilhar o corpo de alguém... mas sempre houve gente disposta a me deixar entrar em seu coração e na sua mente [...] (ROWLING, 2000, p. 211-212).

- Exatamente – disse Luke [...] Comecei a sonhar com Cronos. Ele me convenceu a roubar alguma coisa que valesse a pena [...] Então a voz de Cronos veio a mim e me falou o que dizer (RIORDAN, 2009, p. 376-377).

Além desses personagens ajudantes dos oponentes porque cedem a eles seus corpos, os oponentes recebem a ajuda de outros seres. Entre os ajudantes de Voldemort, o principal é o trasgo.

O trasgo parou a um metro de Hermione, virou-se com lentidão, piscando sem entender, procurou ver que barulho era aquele. Seus olhinhos malvados viram Harry (ROWLING, 2000, p. 129).

Cronos recebe a ajuda de uma Fúria, que aparece como a professora Dodds, do Minotauro, da Medusa e do Cérbero, o cão do inferno que também aparece em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

A Sra. Dodds virou-se na minha direção com uma expressão assassina nos olhos (RIORDAN, 2009, p. 21).

O homem touro atacou depressa demais, os braços estendidos pra me agarrar [...] (RIORDAN, 2009, p. 62).

Avancei na direção dela, o que não foi fácil, segurando uma espada e uma bola de vidro. Se a Medusa atacasse, seria difícil me defender (RIORDAN, 2009, p. 191).

Sempre imaginara Cérbero como um grande mastim preto. Mas ele era obviamente um rotweiler de raça pura, a não ser, é claro, por ter duas vezes o tamanho de um mamute, ser quase invisível e ter três cabeças (RIORDAN, 2009, p. 302).

Estavam encarando os olhos de um cachorro monstruoso, um cachorro que ocupava todo o espaço entre o teto e o piso. Tinha três cabeças. Três pares de olhos que giravam enlouquecidos; três narizes, que franziam e estremeciam farejando-os; três bocas babosas, a saliva escorrendo em cordões viscosos das presas amarelas (ROWLING, 2000, p. 119).

O objetivo de cada inimigo é restituir o poder que um dia lhes foi tomado, visto que Voldemort foi derrotado ao tentar acabar com a vida de Harry, quando este era ainda um bebê, e Cronos foi derrotado pelo filho, Zeus, que liderou os irmãos contra o pai e o tios durante a verdadeira Primeira Guerra Mundial. Para atingirem seus objetivos, os oponentes tentam de várias formas acabar com a vida dos sujeitos no decorrer das histórias.

3.2.3 Ajudantes do Sujeito

Da mesma forma que os oponentes contam com ajudantes, os sujeitos também têm amigos ou seres que participam das aventuras com eles, os quais podem ser classificados como actantes ajudantes do sujeito.

Tanto Harry, quanto Percy dividem suas aventuras com um amigo e uma amiga. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, Harry é amigo de Rony e Hermione, ambos seus colegas da escola de magia e bruxaria. Rony é um garoto atrapalhado, que vem de uma família em que todos são bruxos. Hermione, por sua vez, é muito inteligente e dedica-se a aprender sempre mais. Ela, diferentemente de Rony, vem de uma família em que ninguém é bruxo.

- Você está fazendo mágicas? Quero ver.
Sentou-se. Rony pareceu desconcertado.
- Hum... está bem.
Pigarreou
- Sol, margaridas, amarelo maduro, muda para amarelo esse rato velho e burro.
Ele agitou a varinha, mas nada aconteceu (ROWLING, 2000, p. 80).

Já sei de cor todos os livros que nos mandaram comprar, é claro, só espero que seja suficiente. Aliás, sou Hermione Granger, e vocês quem são? (ROWLING, 2000, p. 80).

- Acabou-se! – gemeu Rony, empurrando inutilmente a porta. – Estamos ferrados! É o fim! (ROWLING, 2000, p. 119).

- Ah, sai da frente – Hermione resmungou aborrecida. Agarrando a varinha de Harry, bateu na fechadura e murmurou: - *Alohomora!*
A fechadura deu um estalo e a porta se abriu [...] (ROWLING, 2000, p. 119).

Em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, Percy compartilha suas aventuras com Annabeth e Grover. Annabeth é uma semideusa, filha de Atena. Por conta de sua filiação, é muito esperta e inteligente e, assim como Hermione, está sempre em busca de conhecimentos mais profundos. Grover é um sátiro, metade homem, metade bode, um pouco atrapalhado, e que não consegue desenvolver perfeitamente seu papel de “guardião” de Percy.

-Preciso conseguir uma missão – murmurou Annabeth consigo mesma. – Eu não sou jovem demais. Se eles ao menos me contassem qual é o problema... (RIORDAN, 2009, p. 107).

- Eu quero fazer aquilo – suspirou ela.
- O quê? – perguntei.
- Construir algo como aquilo. Você já viu o Partenon, Percy? (RIORDAN, 2009, p. 210).

- Desculpe – fungou Grover. – Eu sou um fracasso. Eu... eu sou o pior sátiro do mundo (RIORDAN, 2009, p. 67).

- Não foi sua culpa – disse eu.
- Foi sim. Eu devia protegê-lo (RIORDAN, 2009, p. 68).

- Vou com você. – Grover não pareceu muito entusiasmado [...] (RIORDAN, 2009, p. 241).

Além dos amigos, tanto Percy Jackson, quanto Harry Potter contam com mentores, que os ajudam a desenvolver seus poderes e a entenderem os universos em que passam a viver no decorrer das narrativas.

3.2.4 Mentores

Tanto em uma narrativa, quanto em outra, os sujeitos contam com o apoio de mentores, os quais têm como objetivo principal preparar os protagonistas para uma hipotética e futura batalha final. Harry tem como mentores Alvo Dumbledore e Hagrid, os quais o protegem desde que seus pais morreram. Ambos repassam ensinamentos para Harry.

É o melhor lugar para ele – disse Dumbledore com firmeza – Os tios poderão lhe explicar tudo quando ele for mais velho, escrevi-lhes uma carta (ROWLING, 2000, p. 15).

Hagrid o observava com tristeza.

- Eu mesmo o retirei da casa destruída, por ordem de Dumbledore. [...] (ROWLING, 2000, p. 15).

- É estranho como você pode ficar míope quando está invisível – disse Dumbledore, e Harry sentiu alívio ao ver que ele sorria.

“Então”, continuou Dumbledore, escorregando da cadeira até o chão, para se sentar ao lado de Harry, “você, como centenas antes de você, descobriu os prazeres do espelho de Ojesed” (ROWLING, 2000, p. 155).

Percy, por sua vez, tem como mentores Quíron e Dionísio. Quíron é um centauro, que antes de Percy descobrir que era um meio-sangue, estava disfarçado como seu professor de Latim. Já Dionísio era o diretor do Acampamento Meio-Sangue.

O Sr. D. voltou-se para mim.

- Chalé 11, Percy Jackson. E cuidado com seus modos (RIORDAN 2009, p. 79).

- Só o oráculo pode determinar. – Quíron alisou a barba eriçada. – No entanto, Percy, você está correto [...] (RIORDAN 2009, p. 142).

Dessa forma, nota-se que ambos os sujeitos (ou protagonistas) tinham mestres que lhes ensinavam o que deviam fazer, explicavam assuntos sobre a vida deles e ainda cuidavam deles. Ressalte-se que, Dionísio, com uma certa má vontade.

3.3 OBJETO

Como visto anteriormente, o sujeito normalmente está em busca de um objeto que também é desejado pelo oponente. Em ambas as histórias, o sujeito busca o objeto para um actante destinatário. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o actante destinatário são os bruxos, e por consequência, também o mundo dos trouxas, ou seja, a humanidade. Em *Percy*

Jackson e o Ladrão de Raios, o actante destinatário é Zeus, e conseqüentemente, recuperando o objeto, o sujeito estará ajudando a salvar o restante da humanidade, pois uma guerra entre os deuses poderia acarretar o fim do mundo.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o objeto desejado é a pedra filosofal, que segundo o livro era “uma substância lendária, com poderes fantásticos, a pedra pode transformar qualquer metal em ouro puro. Produz também o Elixir da Vida, que torna quem o bebe imortal” (ROWLING, 2000, p. 160).

Da mesma forma, em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, o objeto de desejo é o raio-mestre roubado de Zeus, o qual é:

O símbolo de seu poder, conforme o qual todos os outros raios são moldados, a primeira arma feita pelos ciclopes para a guerra contra os Titãs, que decepou o Cume do monte Etna e arremessou Cronos para fora do seu trono; o raio-mestre que acumula potência suficiente para fazer as bombas de hidrogênio dos mortais parecerem fogos de artifício” (RIORDAN, 2009, p. 143).

Conclui-se então que, tanto em uma narrativa, quanto em outra, os sujeitos saem em busca do objeto, para que ele não chegue às mãos dos oponentes, e conseqüentemente, não sejam mal utilizados por eles.

3.4 ESPAÇO

Ambas as narrativas apresentam um espaço tópico, onde os sujeitos vivem antes de descobrirem que são especiais, e um espaço atópico, onde vivem depois da descoberta.

Por esse motivo, serão analisados os dois tipos de espaço em cada obra, e serão observadas as suas semelhanças.

3.4.1 Espaço Tópico

O espaço inicial de ambas as narrativas é o mundo real. Entre esses espaços encontram-se a casa dos personagens, as ruas e as escolas para seres humanos, na qual os personagens não se enquadravam e acabavam sofrendo.

Harry sentou-se a mesa e tentou pensar na aparência que teria no primeiro dia de aula como se estivesse usando retalhos de pele de elefante velho, provavelmente (ROWLING, 2000, p. 29).

Por outro lado, ele se metera em numa grande encrenca quando o encontraram sentado no telhado da cozinha da escola (ROWLING, 2000, p. 23).

Como na minha escola da quinta série, quando fomos para o campo de batalha de Saratoga, e eu tive aquele acidente com o canhão da Revolução Americana (RIORDAN, 2009, p. 12).

E eu simplesmente não podia aprender todos aqueles nomes e fatos, muito menos escrevê-los direito (RIORDAN, 2009, p.15).

Depois de sofrerem no espaço tópico, os personagens descobrem que possuem certos poderes e passam a conviver com outras pessoas em um espaço atópico.

3.4.2 Espaço Atópico

O espaço atópico de ambas as narrativas passa a ser o local onde os sujeitos irão aprender técnicas para lidarem com o novo universo ao qual pertencem. Dessa forma, os protagonistas são enviados para uma escola para pessoas especiais. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* o espaço é a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, enquanto em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* o espaço é a escola para semideuses, também chamada de Acampamento Meio-Sangue. Ambas as escolas especiais não podem ser vistas por seres humanos e possuem uma espécie de mágica para que os inimigos não tenham acesso ao local: em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* há um círculo mágico feito pelos professores, e em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* há o pinheiro de Thalia, filha de Zeus, que para não ser morta foi transformada em pinheiro e passou, a partir daí, a proteger o Acampamento, estabelecendo também um círculo de proteção.

Cada escola tem um diretor super poderoso. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* há o Alvo Dumbledore, um dos bruxos mais poderosos. Já em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, o diretor é um deus, Dionísio, que foi confinado à terra pelo pai, Zeus, por ter aprontado das suas.

Hogwarts é dividida em quatro casas, para homenagear seus quatro fundadores. O Acampamento Meio-Sangue em doze chalés, ou seja, há nele uma casa para abrigar os filhos

dos doze deuses olímpicos. Dessa forma, os bruxos, bem como os semideuses, são separados por suas características ou pela sua origem.

A seleção é uma cerimônia muito importante porque, enquanto estiverem aqui, sua casa será uma espécie de família em Hogwarts. Vocês assistirão a aulas com o restante dos alunos de sua casa, dormirão no dormitório da casa e passarão o tempo livre na sala comunal. [...] As quatro casas chamam-se Grifinória, Lufa-Lufa, Corvinal e Sonserina. Cada casa tem sua história honrosa e cada uma produziu bruxas e bruxos extraordinários (ROWLING, 2000, p. 86).

Finalmente, ele me mostrou os chalés. Havia doze deles aninhados no bosque junto ao lago.[...] Então cada chalé tinha um deus diferente. Doze chalés para os doze olímpicos (RIORDAN, 2009, p. 89).

Durante as refeições, todos os alunos lancham juntos em uma enorme sala de refeições. Além disso, nas duas escolas há um jogo entre casas/chalés: em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* há o Quadribol, espécie de futebol sobre vassouras, e em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* há a “Captura da Bandeira”, que tem como objetivo capturar a bandeira do time adversário.

Então, o que é Quadribol?

- É o nosso esporte. Esporte de bruxos. É como o futebol no mundo dos trouxas. Todos praticam quadribol. A gente joga no ar montado em vassouras com quatro bolas. É meio difícil explicar as regras (ROWLING, 2000, p. 62).

- Heróis! – anunciou. – Vocês conhecem as regras. O riacho é o limite. A floresta inteira está valendo. Todos os itens mágicos são permitidos. A bandeira deve ser ostentada de modo destacado e não deve ter mais de dois guardas. Os prisioneiros podem ser desarmados, mas não podem ser amarrados ou amordaçados. Não é permitido matar nem aleijar. Servirei como juiz e médico do campo de batalha. Armem-se (RIORDAN, 2009, p. 126).

Cada mundo (tanto dos bruxos, quanto dos deuses) tem sua moeda, diferente da dos humanos. No mundo dos bruxos, a moeda utilizada são os “Galeões”; no mundo dos semideuses, os “Dracmas”.

Para conseguir vencer a missão, ambos os sujeitos, juntamente com seus ajudantes, descem para um espaço atópico que fica no subterrâneo. Harry e seus amigos vão para o subterrâneo de Hogwarts, onde já na entrada enfrentam o cão de três cabeças. Percy e seus companheiros vão para o subterrâneo perto do Tártaro, onde também têm que enfrentar o cão de três cabeças, que ali, é chamado de Cérbero. Atravessam o rio infernal e chegam ao Hades.

Observa-se, portanto, que o espaço de ambas as narrativas são semelhantes sob diversos aspectos. Ambas as histórias têm início em um espaço tópico, passando para um espaço atópico, em que o principal local em que os personagens convivem são as escolas. Essas escolas são subdivididas por grupos e ambas possuem uma espécie de competição entre

elas. Além disso, cada um dos mundos possui sua moeda, que não é a mesma usada pelos humanos e nele circulam seres estranhos ao universo tópico em que viviam anteriormente os sujeitos.

Depois de observar o espaço, será analisado o tempo de cada uma das narrativas.

3.5 TEMPO

Ambas as histórias se desenvolvem no tempo cronológico de um ano letivo. As narrativas transcorrem enquanto os personagens principais estão na pré-adolescência, Harry aos 11 anos, e Percy aos 12, como visto anteriormente.

O tempo inicia dias antes do período de início das aulas, e quase toda a história se passa durante o tempo letivo. Ao final de cada história, os personagens se despedem dos amigos e encaminham-se para suas férias, voltando, assim, ao universo tópico.

- Espero que você tenha... hã... umas boas férias – disse Hermione [...] (ROWLING, 2000, p. 223)

- Cuide-se, Cabeça de alga – disse Annabeth. – Mantenha os olhos abertos.
- Você também, Sabidinha. (RIORDAN, 2009, p. 385)

Portanto, pode-se dizer que o tempo dos dois livros é semelhante, e há, então, mais uma coincidência narrativa entre as duas narrativas.

3.6 OUTRAS COINCIDÊNCIAS

Tanto os pais de Harry quanto o pai de Percy possuíam algum poder sobre humano. Os pais de Harry eram grandes bruxos e o pai de Percy era um dos três grandes deuses do Olimpo. A mãe de ambos os meninos se sacrifica e dá a vida pela vida deles. A mãe de Harry morre enquanto ele ainda é um bebê, diante do berço do filho, e a mãe de Percy, deixa-se levar pelo Minotauro, encarregado de matar o menino, a fim de que o filho se salve. Além disso, a mãe de Percy convive com um homem grosseiro, tosco e malcheiroso, para que o cheiro dele não permita que seres malignos façam algo para seu filho.

Conheci sua mãe e seu pai [...] *Você sabe quem* matou os dois. E então, e esse é o verdadeiro mistério da coisa, ele tentou matar você (ROWLING, 2000, p.45).

Então, com um rugido furioso, o monstro fechou os punhos em volta do pescoço da minha mãe e ela dissolveu-se diante de meus olhos [...] (Riordan, 2009, p.61).

Tanto os bruxos quanto os semideuses e deuses vivem em meio aos seres humanos, porém não são notados. Os dois meninos sentiam-se desconfortáveis no mundo dos humanos, como se não fizessem parte do local e dos costumes daquelas pessoas. Ao entrarem em contato com o novo cotidiano, tanto um quanto o outro passa a se sentir melhor. Esses fatos podem ser notados nos exemplos já citados.

Quando Harry descobre que é um bruxo, também descobre que todos já o conheciam. Somente ele ainda não conhecia ninguém. Percy, ao descobrir que é um semideus, descobre que a maioria das pessoas com as quais iria conviver já sabia da existência de um filho do deus do mar, Posêidon. Ele, assim como Harry, não conhecia ninguém daquele novo universo e nem acreditava que existissem deuses.

- Sou Rony Weasley.
- Harry Potter.
- Verdade? Já ouvi falar de você, é claro. Tenho outros livros recomendados, e você está na *História da Magia Moderna* e em *Ascensão e queda das artes das trevas* e em *Grandes acontecimentos mágicos do século XX*.
- Estou? – admirou-se Harry sentindo-se confuso (ROWLING, 2000, p.80).

Os dois olharam para mim e a menina disse:
- É ele. Tem de ser (RIORDAN, 2009, p.64).

Depois de conhecerem sua verdadeira identidade, os protagonistas de cada narrativa ganham seus equipamentos, ou apetrechos para mágica ou defesa. Dessa forma, eles passam para a fase da competência, que para Fiorin e Saviolli (2007), é o momento em que os protagonistas vão adquirir as competências que eles ainda não possuíam. Por isso, Harry ganha uma varinha mágica. Percy ganha “Contracorrente”, uma caneta que, ao ser destampada, vira uma espada. Ao procurar comprar para si uma varinha, Harry tem dificuldade em achar uma que se adeque a ele. Percy também tem dificuldade em encontrar uma lâmina que seja adequada para ele.

Harry experimentou. E experimentou.[...] A pilha de varinhas cada vez maior em cima da cadeira alta e estreita [...]
- Freguês difícil, hein? Não se preocupe, vamos encontrar a varinha perfeita para o senhor em algum lugar... (ROWLING, 2000, p.65).

O problema era que eu não conseguia encontrar uma lâmina que se adaptasse às minhas mãos. Eram pesadas demais, leves demais ou compridas demais (RIORDAN, 2009, p.117).

Além desses presentes, Harry também ganha uma vassoura voadora, ao passo que Percy ganha tênis com asas, que, no entanto, não utiliza, e os passa para Grover. Além disso, ambos têm uma profecia e uma missão para cumprirem, sendo que tal missão é vencida com honra no final das narrativas. Ou seja, ambas as narrativas seguem a sequência canônica estabelecida por Propp (in D'onofrio, 2007), ou seja, os sujeitos Harry e Percy são manipulados (recebem ou tomam para si a missão), precisam estudar e receberem os instrumentos ou artefatos mágicos para construírem as competências que lhes possibilitarão agir (realização da performance). E no final, Harry salva a pedra filosofal e Percy recupera o raio-mestre de Zeus e com isso recebem uma sanção positiva (a admiração das pessoas de seu universo atópico) pelos seus feitos e, salvam do mal ambos os universos em que vivem.

As duas histórias apresentam intertextualidade com a Mitologia, ao apresentar seres que foram criados em obras mitológicas. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* há os Centauros, o cão de três cabeças e o trasgo, bruxos, gigantes e magos e, em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, há deuses, o Minotauro, sátiros e centauros, a Medusa, as ninfas, o cão Cérbero, entre outros.

Outro ponto a ser observado são as ações das narrativas, que serão comparadas a seguir.

3.7 AÇÕES

As duas narrativas são cheias de ação e o protagonista vai evoluindo conforme a história se desenvolve. Logo no início de cada narrativa, os sujeitos são levados a um passeio, e por sempre causarem alguma confusão, antes de partir eles prometem que serão bonzinhos. Porém as coisas não acontecem como deveriam acontecer, visto que não pertencem a aquele cenário.

Meia hora depois, Harry, que não conseguia acreditar em sua sorte, estava sentado no banco traseiro do carro dos Dursley [...]

- Estou lhe avisando [...] a primeira gracinha que fizer, a primeira, vai ficar preso naquele armário até o natal.

- Não vou fazer nada - disse Harry -, juro... (ROWLING, 2000, p. 23).

Nessa viagem eu estava determinado a ser bonzinho (RIORDAN, 2009, p. 11).

O primeiro ato extraordinário de ambos ocorre quando ainda não sabem nada sobre o mundo a que pertencem. Harry, no seu passeio ao zoológico, faz com que um vidro se quebre e com que a cobra que vivia ali fosse libertada. Percy, na excursão com a turma da escola, faz com que a água do chafariz agarre uma de suas colegas, Nancy, que estava incomodando o amigo de Percy, Grover.

Harry sentou-se e parou de respirar: o vidro da frente do tanque da jiboia havia sumido (ROWLING, 2000, p. 26).

Não me lembro de ter tocado nela, mas quando dei por mim Nancy estava sentada com o traseiro no chafariz, berrando:

- Percy me empurrou.

A sra. Dodds se materializou ao nosso lado.

Algumas das crianças estavam sussurrando:

- Você viu...

- ... a água...

- ... parece que a agarrou... (RIORDAN, 2009, p. 17).

Em suas primeiras lutas, ambos os protagonistas vencem. Harry participa de um duelo de vassouras contra Draco, e Percy tenta salvar sua mãe, enfrentando o Minotauro e levando como prêmio, por ter vencido, o chifre do animal. Além disso, Percy também enfrenta e vence uma colega, Clarisse, usando o poder que tem em relação à água para fazer com que esta apareça dos encanamentos e privadas dos banheiros e acabe com sua inimiga.

Virou a vassoura com um gesto brusco ficando de frente para Draco, que planava no ar. [...] e caiu suavemente na grama com o Lembrol salvo e seguro na mão (ROWLING, 2000, p. 111).

Sem pensar, rolei para o lado e me levantei de joelhos. Quando ele passou a toda velocidade, enterrei o chifre quebrado bem na lateral de seu corpo [...] o homem-touro urrou em agonia [...] O monstro se fora (RIORDAN, 2009, p. 63).

Eu me virei bem no momento em que a água explodiu para fora do vaso outra vez, atingindo Clarisse bem no rosto com tanta força que a fez cair de traseiro no chão. [...] Clarisse e as amigas estavam prostradas na lama e um bando de outros campistas se reunira em volta para olhar, perplexos (RIORDAN, 2009, p. 100).

Sempre que fazem algum tipo de magia, os personagens perdem um pouco de suas forças. Harry sente dor. Percy enfraquece.

Snape deixou-os nervosos, bafejando em seu pescoço enquanto tentavam se lembrar de como fazer a poção do esquecimento.

Harry fez o melhor que pôde, tentando ignorar as dores lancinantes que sentia na testa [...] (ROWLING, 2000, p. 190).

Assim que elas foram postas porta afora, senti a pressão nas minhas entranhas se aliviar, e a água parou de jorrar tão depressa quanto começara (RIORDAN, 2009, p. 99).

Antes da batalha final, os personagens têm pesadelos com seus inimigos.

Começou a ter pesadelos. Sonhava repetidamente com os pais desaparecendo em um relâmpago de luz verde enquanto uma voz esganiçada gargalhava (ROWLING, 2000, p. 157).

[...] seu antigo pesadelo o mantinha acordado, só que agora estava pior que nunca, pois havia nele uma figura encapuzada que pingava sangue (ROWLING, 2000, p. 190).

Meu pesadelo começou como um milhão de vezes antes: eu sentado, forçado a fazer um teste usando uma camisa de força [...] a voz do professor mudou até ficar fria e maligna, ecoando das profundezas de um grande abismo (RIORDAN, 2009, p. 260).

Na batalha final, os protagonistas recebem a ajuda de seus melhores amigos para vencerem. Cada um dos amigos consegue pôr fim a uma determinada armadilha, fazendo com que no final, o sujeito consiga expor seu poder e vencer seu oponente.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, para conseguirem chegar à pedra filosofal, os três amigos tiveram que passar por vários obstáculos. O primeiro deles era passar pelo cão de três cabeças. Para isso, Harry tocou uma Harpa, e a música fez com que o cão adormecesse. O próximo obstáculo era uma planta, que tinha por nome visgo do diabo, e que enrolou os três amigos e começou a sufocá-los. Hermione, através de um feitiço, fez surgir fogo, o que acabou com a planta. Em seguida, os amigos tinham centenas de chaves flutuantes e tinham que escolher a que abriria a porta. Rony observou e percebeu que havia uma com a asa amassada, e pegou-a. A porta se abria para uma câmara, onde havia um tabuleiro de xadrez, em que os três colegas deveriam jogar como se fossem peças. Rony foi quem deu os comandos. O próximo passo era uma charada, que foi resolvida por Hermione, e, por fim, Harry teve que enfrentar o espelho Ojesed, o espelho dos desejos.

Em Percy Jackson, observa-se a seguinte fala do garoto, que resume o que os amigos passaram juntos:

Ambos passaram por tanta coisa comigo. Lembrei-me de Grover bombardeando a Medusa no jardim de estátuas, e de Annabeth nos salvando de Cérbero; nós sobrevivemos ao parque aquático de Hefesto, ao arco de St. Louis, ao Cassino Lótus (RIORDAN, 2009, p. 326).

Dessa forma, observa-se que nas duas narrativas há uma cooperação do grupo de amigos, que faz com que eles saiam vencedores da missão, caracterizando então, mais uma coincidência narrativa entre ambas as histórias.

3.8 INTERTEXTUALIDADE NAS OBRAS E ENTRE AS OBRAS

Dessa forma, pode-se destacar que, além da intertextualidade com a mitologia, como já foi citado anteriormente, há muitas outras similaridades / coincidências entre as duas obras e, principalmente, na caracterização dos protagonistas. Pode-se dizer então que Rick Riordan leu a obra de J. K. Rowling e que se inspirou nela, e em outras obras, para escrever a sua.

Portanto, pode-se dizer que há intertextualidade por similaridade. Essa intertextualidade é implícita, visto que somente quem leu ambos os livros, pode perceber essas inúmeras coincidências. Essas similaridades podem ser caracterizadas como paráfrase ou como releitura, e dessa maneira *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* representa uma retomada, em um outro universo imaginário, a partir da recriação de diversos aspectos, das aventuras vividas em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

Para melhor visualizar o que foi enumerado até o momento, apresenta-se, a seguir, uma tabela com as coincidências entre as duas narrativas.

Coincidências	<i>Harry Potter e a Pedra Filosofal</i>	<i>Percy Jackson e o Ladrão de Raios</i>
Sujeito/ Protagonista		
Tempo da descoberta da verdadeira identidade na pré-adolescência	Harry, aos 11 anos	Percy, aos 12 anos
Dificuldade para ler	Harry usa óculos, tem miopia	Percy tem dislexia
Pobreza	Harry acha que é pobre, que vive de favor	Percy vive em uma família pobre
Convivência familiar	Harry vive sem os pais	Percy vive sem o pai
Pessoas que moram com eles não gostam deles	Os tios Valter e Petúnia e o primo, Duda, não gostam de Harry	O padrasto, Gabe, não gosta de Percy.
Popularidade	Impopular fora de Hogwarts Popular em Hogwarts	Impopular fora do Acampamento Popular no Acampamento
Oponente/ Antagonista		
Inimigo extremamente poderoso	O bruxo Voldemort	O titã Cronos
Corpo físico do oponente	Incorpóreo	Incorpóreo

O nome dos inimigos	Não pode ser pronunciado “ <i>Você sabe quem</i> ”	Não pode ser pronunciado “ <i>Aquele que não deve ser nomeado</i> ”
Usam outro corpo	Usa a mente e o corpo do professor Quirrel	Usa a mente de Luke
Recebem ajuda de outros seres	Trasgo, o bruxo Quirrel	Fúria, Minotauro, Medusa, Cérbero
Objetivo	Restituir o próprio poder.	Restituir o próprio poder.
Ajudantes do Sujeito		
Melhor amiga	Hermione: mais inteligente e dedicada que o herói	Annabeth: mais inteligente e esperta que o herói.
Melhor amigo	Rony: bruxo atrapalhado	Grover: sátiro atrapalhado
Mentores	Alvo Dumbledore diretor da escola	Dionísio: diretor do acampamento
	Hagrid: gigante	Quíron: centauro
Objeto de desejo		
Objeto	Pedra filosofal: desejada pelo oponente, precisa ser resgatada pelo sujeito.	Raio-mestre: desejado pelo oponente, precisa ser resgatada pelo sujeito.
Espaço		
Tópico	Escola de humanos	Escola de humanos
	Casa dos tios	Apartamento da mãe
Atópico	Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts	Acampamento Meio-Sangue
Magia que protege as escolas	Magia feita pelos professores	Magia do Pinheiro de Thalia
Divisão	Por casas: 4 casas. Personagens separados pelo Chapéu Seletor, que lê as características da personalidade dos alunos.	Por chalés: 12 chalés Personagens divididos pela filiação, a partir do momento em que são reconhecidos como filhos pelos pais.
Esconderijo do oponente	Casa sombria e abandonada	Lugar sombrio: o Tártaro
Refeições na escola	Todos lancham juntos na sala de refeições.	Todos lancham juntos na sala de refeições.
Jogos entre casas/ chalés	Quadribol	Caça à bandeira
Moeda diferente dos humanos	Galeões	Dracmas
Sujeitos e ajudantes descem para o subterrâneo	Subterrâneo de Hogwarts	Subterrâneo, perto do Tártaro

Tempo		
Duração das ações narradas	Um ano letivo	Um ano letivo
	Enquanto o sujeito tem 11 anos	Enquanto o sujeito tem 12 anos
	Inicia antes do período das aulas e termina no início das férias escolares.	Inicia antes do período das aulas e termina no início das férias escolares.
Outras coincidências		
Pais dos heróis	Pais eram bruxos poderosos	Pai é um deus poderoso
Sacrifício materno	Mãe morre para protegê-lo quando Harry é ainda um bebê	Mãe se deixa levar pelo Minotauro, para salvar a vida de Percy
Vivem entre humanos	Bruxos vivem entre humanos	Deuses e semideuses vivem entre humanos
Equipamentos	Varinha mágica	Espada Contracorrente
Presentes que voam	Vassoura mágica	Tênis alados
Profecia/ missão	Resolve seguir com os amigos para salvar a pedra filosofal	Ganha a missão de encontrar o raio mestre, juntamente com os amigos.
Encontros com seres mitológicos	Trasgo, cão de três cabeças, bruxos, centauros.	Cão de três cabeças, centauros, deuses, ninfas, o Minotauro, a Medusa, as Moiras.
Ações dos sujeitos (protagonistas)		
Passeio/ promessa	Vai a um passeio com os tios e promete se comportar	Vai a um passeio com a turma da escola e promete se comportar
Primeira mágica: sem saber sua identidade	Faz com que um vidro se quebre e uma cobra seja libertada	Faz com que água do chafariz agarre uma colega
Vencem a primeira luta	Contra Draco	Contra o Minotauro
Perdem a força quando utilizam a magia	Harry sente dor na cicatriz da testa	Percy sente pressão nas entranhas
Pesadelos	Tem diversos pesadelos com o inimigo	Tem pesadelos com o inimigo
Batalha final	Recebe a ajuda dos amigos Rony e Hermione. Cada um desempenha um papel importante para o desfecho.	Recebe a ajuda dos amigos Grover e Annabeth. Cada um desempenha um papel importante para o desfecho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizar esse trabalho Literatura Comparada, no qual se procurou observar os elementos narrativos que *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* têm em comum, pode-se constatar que as narrativas possuem várias similaridades, entre elas as características dos protagonistas, o fato de que tanto Harry quanto Percy possuem um amigo atrapalhado e uma amiga inteligente e que ambos possuem inimigos dos quais não se pode pronunciar o nome e que não possuem corpo próprio.

Além disso, ambos viviam uma vida normal entre os humanos, até serem enviados para uma escola especial, na qual passam a contar com o auxílio de um mentor e na qual receberam ensinamentos que os ajudariam em futuras missões. Sendo assim, ambos tiveram que enfrentar uma missão para ajudar a salvar o grupo com o qual conviviam e tanto um quanto outro, com a ajuda dos amigos, saíram vitoriosos.

Dessa forma, pode-se notar que *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* exerce uma relação de intertextualidade com *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, e que ambas as narrativas exercem uma relação de intertextualidade com a Mitologia, ao citar personagens como sátiros, centauros, bruxos e deuses.

Por esse motivo, observa-se ainda a importância do aprendizado da mitologia, por parte dos leitores, aprendizado esse que pode anteceder a leitura das obras, e assim, melhorar a compreensão do texto, ou que pode suceder as obras, pelo fato de o leitor se sentir instigado a conhecer um pouco mais sobre os personagens citados.

Também nota-se que, apesar de ambas as obras pertencerem à Literatura Juvenil, elas dificilmente são trabalhadas com os adolescentes nas escolas. Normalmente o acesso acontece através de amigos e redes sociais/internet. Dessa forma, seria interessante que professores buscassem obras infanto-juvenis como essas, que mexem com a imaginação dos jovens leitores, para que seus alunos criassem o gosto pela leitura, para, depois, apresentar obras mais complexas ou os clássicos da literatura. Além disso, poderiam ser realizadas atividades de comparação, que desenvolveriam o lado crítico dos leitores.

Outro ponto importante que é desenvolvido através dessas leituras são os princípios éticos trazidos pelas histórias, entre eles, pode-se tirar a ideia de que fazer o bem é bom e que devemos aprender a conviver e a tolerar as diferenças. Desse modo, pode-se destacar que ambas as obras possuem um princípio maniqueísta, ou seja, nelas o bem sempre vence o mal.

Observou-se também que, embora os autores tenham criado universos paralelos e imaginários em cada história, elas conseguem construir a verossimilhança, ou seja, a ficção continuou tendo raízes na realidade.

Portanto, pode-se concluir que Rick Riordan pode ter se inspirado na obra de J.K. Rowling, tomando como base os personagens e o enredo de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* para guiá-lo na escrita de *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, mudando o foco do mundo dos bruxos para o mundo dos deuses.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil** - Gostosuras e Bobices. 5. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997.
- BARA, P. **Os Percursos da Literatura Comparada** Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/semanadeletras/viii/arquivos/trab/e17.doc>> Acesso em: 20 nov. 2011.
- BAZERMAN, C. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- CADERMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2010.
- CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1986. (p. 5-7; 8-9; 10-12) (Série Princípios).
- CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil - teoria e prática**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- D'ONOFRIO, S. **Forma e sentido do texto literário** 1ª ed. São Paulo: Ática, 2007. p.46 a 114.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLLI, F. P. **Para entender o texto** 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- FORASTIERI, André. **A liberdade infinita da literatura juvenil. Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 nov. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u210.shtml>> Acesso em: 5 jun. 2012.
- GREGORIN FILHO, J. N. **Literatura Infantil: um olhar sobre o ensino e a pesquisa**. In: Maria Célia Lima-Hernandes; Maria João Marçalo; Guaraciaba Micheletti;. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH USP, 2008, v. único, p. 001-015.
- KOCH, I. G. V. **O texto e a construção de sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- LAJOLO, M.. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEIER, B. **Ler obras juvenis ou Best-sellers é apenas o começo de uma longa e produtiva convivência com os livros. Essa é a lição que anima os jovens a se aventurarem na boa literatura atual e nos clássicos. Veja**. São Paulo: Abril, ed. 2217, ano 44, n.20, p. 99-108, 18 de maio 2011.
- MOLINA, M. A. G. **Comunicação e Expressão**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51376354/23/A-Intertextualidade>> Acesso em: 20 jun. 2012.
- OLIVEIRA, A. F. SILVA, L. R. **A leitura infanto-juvenil na formação do leitor e cidadão crítico**. Morrinhos, 2008.

RIORDAN, R. **Percy Jackson e o ladrão de raios** Rio de Janeiro: Intrínseca: 2009.

ROWLING, J. K., **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANDRONI, L.C. MACHADO, L.R. **A criança e o livro**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SAMUEL, R. **Manual de Teoria Literária**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

SANTANA, A. L. **Literatura Comparada**. 2008 Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/literatura/literatura-comparada>> Acesso em: 28 mai. 2012.

SANT' ANNA, A. R. **Paródia, Paráfrase e Cia**. São Paulo: Ática, 2002.